



Diário Notícias

27-12-2014

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 56361

Temática: Sociedade

Dimensão: 2400

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/16/17

SELEÇÃO DN 2014

Até dia 31, leia as cinco melhores entrevistas e reportagens do ano. Hoje, as revelações do jornalista italiano Roberto Saviano e a reportagem da vida na Coreia do Norte e na Coreia do Sul
SOCIEDADE PÁGS. 16 E 17 E **MUNDO** PÁGS. 22 E 23

ENTREVISTA: ROBERTO SAVIANO

Jornalista e escritor

Cocaína Após ter revelado o poder da máfia no livro Gomorra, o jornalista italiano é obrigado a fazer uma vida de foragido há 1600 dias. Rodeado por guarda-costas dia e noite, veio a Lisboa lançar a nova investigação, ZeroZeroZero, desta vez sobre o comércio e consumo de cocaína. Um produto que, afirma, todos usam: o juiz, o padre, o político, o taxista...

“A Europa está mais disponível para lavar dinheiro criminoso”

JOÃO CÉU E SILVA

Inicia este livro violento sobre o consumo de cocaína a nível do mundo de uma forma radical: todos a usam. A intenção é ter um início forte ou é a verdade exata?

São ambas as coisas: uma imagem forte a partir de um dado real. Não é fácil apercebermo-nos do gigantesco consumo de cocaína porque é diferente de injetar heroína, com a qual mais cedo ou mais tarde quem se chuta vai parar a uma clínica. Na cocaína, os consumidores não são monitorizados.

Escrever sobre o submundo da cocaína só podia acontecer após ter publicado o livro sobre a máfia?
Creio que sim, porque estas histórias exigem-me muito a nível emocional. Mas, principalmente, a minha vontade era a de me vingar. Mostrar que não me conseguiram deter! Portanto, sim, era o único que poderia escrever.

Após as ameaças da máfia não vai acrescentar agora as dos cartéis?
É diferente. Eu sou odiado pelo livro Gomorra porque nasci na região e isso incomodou a família Locatelli, que exigiu que o livro fosse retirado imediatamente do mercado.

Acusa a União Europeia de estar cheia de capital mafioso e de a cocaína circular livremente no continente. Como é possível?

O que sei resulta de uma denúncia de um responsável da ONU e que não foi ouvida por quem devia. A acusação dizia que os bancos estão a resolver a crise económica deixando entrar o dinheiro do narcotráfico, o que é um paradoxo porque a Europa deveria ter aproveitado essa declaração para se blindar contra as máfias que existem nos seus países. Só que hoje sabe-se que o dinheiro desaparece muito mais facilmente em Londres ou em Andorra do que nas Antilhas ou em *offshores*, o que significa que a Europa está mais disponível para lavar dinheiro criminoso do que no passado.

Acredita na solução de legalizar certas drogas como alguns países europeus querem fazer?

Não gosto da legalização, mas creio que é a única solução. E para todas elas, não apenas para as drogas ligeiras. Vejo a sociedade mais justa após essa legalização, a que se deve seguir uma grande campanha de controlo de consumo como se faz, por exemplo, com o tabaco.

O que evitaria essa legalização?

No momento em que a cocaína se tornasse legal e estivesse livre no mercado, verificava-se uma impossibilidade de as máfias acederem ao mercado com facilidade. Se o Estado legalizar a droga, poderá controlar a atividade, como se verifica com o jogo clandestino. Legalizados os sítios clandestinos, estes valem muito pouco e o mercado fica contido pelo Estado.

Mas a repressão que as autoridades da Colômbia fazem com a colaboração dos EUA não é uma falsa resposta, tal como se verifica com a luta policial contra a máfia em Itália?

Depende. Creio que posso dizer que o plano Colômbia resultou em muitas situações e desfez muitas plantações. Não fez bem foi aos camponeses, porque os deslocou para a Amazônia deixando a Colômbia de ser o centro do mundo da cocaína. Mas começa a ter uma democracia com uma identidade própria em vez de ser o país sob total corrupção. A repressão pode ter resultados importantes, mas a jogada mais forte em termos de luta contra a droga foi a da administração Obama ter bloqueado a lavagem de dinheiro em vários bancos.

Diz que o México é hoje a origem

de tudo na cocaína. É uma opinião sua ou das autoridades?

Eu dou uma interpretação geopolítica, a DEA [Agência dos EUA antidroga] limita-se a dizer que o mais importante tráfico de drogas no mundo agora é o do México. Aliás, neste momento as rotas mais importantes são via Canadá, porque a fronteira com os Estados Unidos é a menos vigiada do mundo.

Ao fazer o mapa dos fornecedores de droga refere África. Porque destaca as ex-colónias portuguesas como Guiné-Bissau e Angola?

Porque são lugares onde chegam toneladas de cocaína para ser armazenada, especialmente na Guiné-Bissau. Angola também, mas tem um presidente que percebeu que tolerar o narcotráfico é mau para si — a UNITA era mais favorável à cocaína.

Tem provas?

Eu vi os dados que a polícia portuguesa fornece e confirmei que a Guiné-Bissau é um narco-Estado que fornece a Europa, branqueando o dinheiro na Nigéria, Serra Leoa e Libéria. Ou seja, quem não tem diamantes tem a coca, produto que trouxe a paz à África Equatorial. Espanha é a atual porta de entrada da droga na Europa.

Portugal resume-se

aos correios de droga?

Portugal tem uma história incrível desse ponto de vista, pois quando li os dados do ano 2000, o país aparecia no primeiro lugar de consumidores. Parecia-me irreal que um país de dez milhões de habitantes, onde não se vê assim tanta atividade de toxicod dependentes nas ruas, ter esses dados impressionantes. Descobri que se devia à queda do preço da coca que chegava à costa,

situação que mudou. Devo dizer que apreciei muito a política portuguesa de não criminalizar o consumidor e considerá-lo alguém com problemas, esvaziando as suas prisões. Contudo, os capitais do narcotráfico ainda cá estão e estou certo de que o triângulo Brasil, Angola e Portugal continua a ser um território exposto ao crime. A sensação que tenho é de que a polícia atua menos porque lhe faltam recursos.

A que se deve a diferença entre preços da cocaína por grama: 61 dólares em Portugal, 96 na Suíça?
Deve-se ao custo de vida e à realidade dos países. Se estiver na Suíça é mais complicado entregar a mercadoria do que em Portugal.

É mais fácil, após o fim da União Soviética e a criação da União Europeia, verificarem-se ligações da droga ao financiamento do terrorismo e de organizações criminosas em todo o mundo?

Estou convencido de que as esferas europeias subestimaram a relação entre narcotraficantes e, por exemplo, as FARC. Aliás, afirmo que a ETA se financiava com coca e queriam comer-me vivo, mas houve um muçulmano arrependido que disse que o atentado de Atocha, em Espanha, tinha sido financiado com um importante carregamento de haxixe.

Diz que é o “melhor negócio do mundo” e uma resposta à crise financeira que abalou o mundo nos últimos anos este dos “Rockfellers da cocaína”. Está a criticar o estado a que chegou o capitalismo?

Sim. Acredito no capitalismo legal, liberal e reformista, mas se deixarmos o músculo do negócio se mexa sozinho no proveito do lucro, só as máfias vencem. Porque recusam a lei e aceitam regras que são fruto da intimidação.

Afirma que o negócio da cocaína tornou-se o melhor investimento durante a crise. Ultrapassada a crise, manter-se-á tão em alta?

Sim, a par do petróleo. Mesmo que se inventem outras drogas, a coca





OS NÚMEROS DA DROGA

- ▶ **O consumo de drogas** tem diminuído em Portugal. Os dados de prevalência de consumo ao longo da vida (pelo menos uma vez) desceram de 12% em 2007 para 9,5% em 2012, o último ano de que há registo no SICAD (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências) e no EMCDDA (Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência).
- ▶ **A canábis, o ecstasy e a cocaína** foram as substâncias ilícitas preferencialmente consumidas pelos portugueses. Em termos de taxa de prevalência ao longo da vida, a canábis atingiu os 9,4%, o ecstasy 1,3% e a cocaína 1,2%. O estudo do EMCDDA teve uma amostra de 5355 pessoas.
- ▶ **O consumo de cocaína** entre a população portuguesa, em termos de prevalência, desceu de 1,9% em 2007 para 1,2% em 2012. Em 2001, era de apenas 0,9%.
- ▶ **A canábis também** registou uma redução em termos de consumo, de uma taxa de 11,7% para 9,4%. Os números são mais elevados na faixa etária mais jovem (15-34 anos), mas ainda assim foi registada uma descida: era de 17,4% em 2007 e passou para 14,4% em 2012. Ainda assim, 1,2% dos jovens portugueses apresentam dependência da canábis.
- ▶ **A taxa de consumo de ecstasy** manteve-se inalterada, em 1,3% entre 2007 e 2012, mas desceu entre os jovens de 2,6% para 2,3%.
- ▶ **Também no LSD** se manteve a taxa de consumo entre a população portuguesa em geral, que se estabeleceu nos 0,6%.
- ▶ **Foram registadas reduções** nas outras drogas consideradas pelas entidades de controlo. A prevalência de consumo de heroína baixou, em cinco anos, de 1,1% para 0,6% e o consumo de anfetaminas de 0,9% para 0,5%.
- ▶ **No consumo recente** também se registaram reduções em Portugal, de 3,7% para 2,7%.

permanecerá porque nenhum químico a poderá abater de verdade. **Aponta os nomes e práticas dos líderes dos cartéis da droga. Se as apurou, porque os governos não eliminam a economia criminosa?** Os governos combatem essas organizações em fases alternadas mas não as extirpam do sistema. Nenhum mafioso acha que vai sobreviver, sabedoria que faz parte do modo de se sentir um homem de honra. Eles sentem-se poderosos, com uns testículos maiores do que todos os outros que fazem negócio sem risco. É a ética mafiosa. **Escreveu um posfácio para o livro de Saramago sobre o comércio de armas. É uma denúncia tão violenta como as que tem feito?** Faz parte de um caminho literário diferente. Saramago não fez uma investigação sobre o poder das armas, é a história de um homem que trabalha com elas e as contradições e escolhas (ler pág. 23). **Escreve que a crueldade aprende-se. Ficou mais indiferente após as suas investigações?** Não consigo ser indiferente, cruel sim. No sentido em que tenho um nível de confiança muito baixo e uma quase ausência de esperança. **Qual é o momento de liberdade que mais apreciaria viver?** Fazer umas férias na praia, livre. **Algum capítulo deste livro foi escrito com a ajuda da cocaína?** Não, mas não por questões legais. Se eu tivesse cheirado descreveria a sensação que tivesse tido. O normal é isso acontecer quando se é mais jovem, só que eu vivia num território onde a máfia proibia o consumo de cocaína na cidade, mesmo que a vendesse em todo o lado. Além de que estudei a cocaína durante demasiado tempo para ficar seduzido por ela.

Entrevista originalmente publicada a 3 de outubro. Leia amanhã a entrevista à ministra das Finanças, Maria Luís Albuquerque

O homem que se disfarça sem dar por isso

PRISIONEIRO Desde os 26 anos que está sob proteção policial. Quando escrever as memórias deste tempo, espera dar-lhes um final feliz

Nasce em Nápoles em 1979, licenciava-se em Filosofia e inicia-se no jornalismo em 2002. Bastaram-lhe quatro anos para ir contra a máfia e sentir a resposta violenta à sua investigação. O romance-sensação intitulava-se *Gomorra* e era inspirado na vida real, tanto assim que nem incomodou a organização nos primeiros tempos. Conta-se até que era hábito alguns membros oferecerem-no aos outros, situação que mudou com a polémica nascida a partir das revelações de Roberto Saviano. E foi jurado de morte. Ao tornar-se inesperadamente um sucesso de vendas mundial, com mais de dez milhões de exemplares impressos, o autor foi obrigado a desaparecer de cena e ficar sob vigilância policial constante. Saviano já esteve em Portugal em 2009 e regressou ontem para promover o seu novo trabalho, desta vez sobre o poder da cocaína, intitulado *ZeroZeroZero*, que faz um diagnóstico negro do pó branco que está banalizado por todo o planeta. Durante a entrevista ao DN, era visível sobre a mesa o boné e os óculos escuros com que se disfarça. Inesperado foi que, de forma maquinal, tivesse agarrado nos adereços com que passa despercebido na rua mal se levantou. De perto, três guarda-costas mantiveram-no sempre debaixo de vista. Roberto Saviano prefere falar em italiano e é nessa língua que refere ser obrigação dos jornalistas agirem em busca da verdade: "Para

isso é preciso ter não apenas muita coragem mas também muita vontade de entender as coisas. Esses salvam a democracia." Recusa o epíteto de super-herói mesmo com o sucesso do livro: "Nunca me senti assim, antes como alguém que é empurrado para um mundo muito diferente do que imagina. E os heróis estão mortos, enquanto eu estou vivo." Aliás, a frase "estar vivo" surge muitas vezes nas suas respostas, daí que se lhe pergunte o que lhe teria acontecido se o Estado italiano não lhe tivesse garantido a segurança? "Sei lá", é a resposta. Acrescenta a seguir: "Estou muito grato aos *carabinieri* e aos meus leitores. Não são os escritores ou os atistas que salvam o mundo, são os leitores." Roberto Saviano vive como foragido desde os 26 anos, momento a partir do qual a sua "família" são os guarda-costas e residências várias. O autor nunca achou que *Gomorra* cobrasse um preço tão alto: "Não imaginei o que pagaria. Se o tivesse imaginado, não o teria escrito! Mas não o renego. O que tento dizer é que não há nada que pague uma vida assim." Saviano sente que a desordem mundial vence quando é obrigado a viver há 1600 dias sem liberdade. Por isso responde, "escrever é uma tentativa de dar ordem e de não deixar que eles vençam". Nem mesmo quando lhe revelaram que a máfia apostara que não "passava do Natal de 2008": "Nunca tive medo da morte. Não por ser destemido, mas porque me falaram nela tantas vezes que parece algo exterior a mim. O que me perturba é pensar que irei viver sempre assim." Uma história que será conhecida quando publicar as suas memórias: "Que espero tenham um final feliz!"